

Foguetes e fitas coloridas: encontros nos movimentos pela cidade

Martina Ahlert



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1102>

DOI: 10.4000/pontourbe.1102

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2012

Refêrencia eletrónica

Martina Ahlert, « Foguetes e fitas coloridas: encontros nos movimentos pela cidade », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1102>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Foguetes e fitas coloridas: encontros nos movimentos pela cidade

Martina Ahlert

- 1 Escrevo este relato etnográfico a partir do encontro de uma procissão em homenagem a Todos os Santos e um carro de som que festejava a vitória de Dilma Rousseff nas eleições presidenciais, em primeiro de novembro de 2009. Este evento aconteceu nos primeiros meses da pesquisa de campo do meu doutorado, em uma das maiores cidades do interior do Maranhão, conhecida como Codó. Localizada na rota entre as cidades de São Luís (MA) e Teresina (PI), Codó possui cerca de 118 mil habitantes e é afamada por seus grandes feiticeiros, seus muitos pais e mães de santo e como cidade berço do Terecô, religião afro-brasileira de provável matriz banto, com elementos jeje e nagô, também referenciada por Tambor da Mata ou Brincadeira de Santa Bárbara (MACHADO, 1999; FERRETTI, M. 1998, 2000, 2001; BARROS, 2000, entre outros).
- 2 O evento de que trato é o Festejo para Todos os Santos, realizado por Dona Maria Alice, na cidade de Codó. Antes de falar especificamente sobre aquele primeiro de novembro, é importante dizer que, na cidade, são inúmeras as festas realizadas para santos, para encantados¹ e para orixás, no âmbito do catolicismo popular e também nas tendas de Terecô, Umbanda e Candomblé. As festas têm variados períodos de duração, podendo ser realizadas em uma, três ou nove noites. Ainda no âmbito desta breve introdução um pouco mais genérica, cabe dizer que as festas incluem elementos semelhantes: a reza do Terço, ladainhas em português ou em latim, procissões, comes e bebes, serestas animadas por grupos musicais e ainda, no caso de acontecerem em tendas, noites inteiras de tambor. Neste último caso, o tambor é tocado (no ritmo intenso do “*toque da mata*”) e dançado pelos “*brincantes*” (como são chamadas as pessoas das religiões afro-brasileiras) e pelas entidades, até o amanhecer.
- 3 A festa de Dona Maria Alice tem nove noites, encerrando na véspera de Todos os Santos, em primeiro de novembro, dia do evento que aqui relato. Naquela noite, sai da minha casa a caminho da casa de Seu Ribinha, que promovia um Tambor de Crioula em homenagem a São Luiz Gonzaga. No meu deslocamento, quando caminhava ao lado da Igreja de São Sebastião - um dos padroeiros de Codó - encontrei uma pequena

procissão. Cerca de cinquenta pessoas seguiam, a pé, atrás de um andor carregado por dois homens. Em princípio tive dificuldade em identificar o santo sob a estrutura de madeira coberta de pano branco, só no caminhar junto à procissão pude perceber que eram diferentes santos, amarrados uns aos outros por fitas de cetim, tão coloridas como as próprias imagens – eram, evidentemente, “*todos os santos*” homenageados. As pessoas seguiam rezando Pai Nosso, Ave Maria e, por vezes, cantando algum hino religioso, amparadas por uma pequena banda de instrumentos de sopro e percussão. O som das rezas e das músicas era acompanhado pelos foguetes. Eu me juntei à procissão, conhecendo e conversando com algumas pessoas que participavam do evento.

- 4 Aqueles, entretanto, não eram os únicos foguetes que festejavam a noite na cidade. Quando descemos da rua da Igreja, no caminho do bairro onde morava a festeira Dona Maria Alice, a procissão encontrou um carro de som de onde também provinham foguetes. Os hinos cantados pelos devotos se misturaram ao som do carro/trio elétrico, que tocava, alegremente, uma música que muito tínhamos ouvido na cidade naqueles dias: o “*Arrastão do Treze*”. Naquela mesma noite, em que Dona Maria Alice festejava seus santos, a cidade comemorava a vitória de Dilma Rousseff no segundo turno das eleições federais. O “*Arrastão do Treze*” era uma variante do “*Arrastão do Quinze*”, dedicado à campanha de Roseana Sarney ao governo do estado e, posteriormente, à eleição à presidência, já que os partidos das duas candidatas estavam coligados no Maranhão e, em Codó, eram apoiados pelo prefeito.
- 5 Por breves instantes, tivemos uma mistura entre os sons, as pessoas e os foguetes, que anunciavam e afirmavam, cada qual na sua perspectiva, a alegria e a comemoração daquela noite. O carro de som seguiu na direção do centro da cidade. A procissão se deslocou na direção oposta, entrando no bairro Codó Novo, até a pequena travessa onde se localizava a casa da festeira. O bairro cresceu a partir dos anos oitenta, com a vinda de muitos moradores da zona rural para o local. A casa simples de Dona Maria Alice fora tomada pela festa, assim como a própria rua, que recebeu mesas, cadeiras e um palco para a seresta. A separação entre a casa – desde o pátio dos fundos, onde a comida era preparada – e a rua, divisão celebrada como metáfora para pensar o Brasil (ver, por exemplo, DA MATTA, 1997) ganhava um novo tom no festejo de Dona Maria Alice, onde suas fronteiras eram transpostas e contaminadas pela circulação dos santos e das diversas pessoas presentes.
- 6 Entre os devotos com os quais conversei na procissão estavam familiares de Dona Maria Alice. Com eles e com a própria festeira, fiquei sabendo que o Festejo para Todos os Santos é realizado por anos suficientes para se esquecer da conta. Disseram-me que nasceu como resposta a uma graça alcançada por meio de uma promessa. Naquele contexto era feito pela avó de Maria Alice, sendo herdado por uma das suas filhas (a mãe de Maria Alice) e assim alcançando sua atual festeira. Ninguém pareceu se importar com minha pergunta sobre a continuidade da festa, como se não fosse algo que merecesse efetiva preocupação. Promessas, festas, santos (estátuas e imagens) e encantados (para os “*brincantes*”) são recebidos, também em diversos outros casos, como herança familiar. Desta forma, eventos e entidades perpassam gerações. Talvez por este caráter os festejos ainda sejam momentos importantes do calendário dos parentes, que vem de outras cidades e estados para acompanhar estes eventos.
- 7 Quando a procissão chegou a casa de Dona Maria Alice, o andor foi depositado sobre uma mesa ao lado do palco da seresta. As pessoas que conheci caminhando me levaram para ver os bolos e o chocolate (quente, preparado com leite de coco babaçu, uma

iguaria das festas), que seria servido depois da reza. Voltando para a rua em frente a casa, eu me sentei em uma das mesas, esperando o início do Terço e da Ladainha. Logo fui cercada por um grupo de adolescentes (entre doze e dezesseis anos) que sentou à mesa comigo, me fez diversas perguntas e contou histórias. Aqueles adolescentes vinham todos os anos ao festejo, porque moravam nas redondezas do local. Vinham, segundo me contaram, para comer bolo, tomar refrigerante e chocolate. Por causa de seu objetivo claro, conheciam a ordem das rezas e das músicas cantadas até chegar o momento do bolo.

- 8 A partir daí, a programação 'oficial' do evento ficou, pra mim, em segundo plano. Com a presença dos adolescentes na minha mesa, se tornava evidente a multiplicidade de pessoas, de perspectivas e de interesses que compõe um mesmo ritual. *"Espalhando lixo"*, *"Catando gato"*, *"Peru"* e seus amigos tomaram minha atenção, contando sobre motos, sobre os empregos que conseguiam, as escolas onde estudavam, a falta de expectativa em relação aos estudos e o ingresso em alguma faculdade, a dificuldade em conseguir dinheiro para levar as garotas pra tomar sorvete. Perguntaram ainda se eu estava na cidade *"fazendo pesquisa que observa as pessoas"* – conhecimento que tinham adquirido em uma aula com a professora de história. Contaram-me que o bairro não era violento (*"a não ser que você esteja devendo pra alguém"*) e que em vários locais da cidade existem grupos de rapazes como o deles e que são conhecidos como *"turmas"*. Eles eram a *"Turma dos Descalços"*.
- 9 Animadamente a *"Turma dos Descalços"* comemorou quando as mulheres, acompanhadas pela banda, cantaram a música que antecedia o início da comensalidade. O andor foi carregado para um primeiro cômodo da casa e depositado sobre uma mesa que servia de altar. Nas paredes, pintadas de colorido com *"tinta em pó"*, havia alguns pôsteres do Flamengo, um dos times mais populares entre os codoenses. Depositado o andor, as músicas religiosas deram lugar às profanas e alguns meninos da *"Turma dos Descalços"* se tornaram par de dança das mulheres – bem mais velhas que eles – que estavam cantando alegremente. Ao final das músicas, Dona Maria Alice disse, com uma potencia impressionante diante do seu pequeno tamanho, *"Eu sou neta de Dona Casimira e filha de Teresinha!"* – remetendo às mulheres que a antecederam na organização da festa. O festejo é um encontro de família, os que moram na cidade, os que vivem distante e se deslocam para a cidade, os vivos e os antepassados.
- 10 Em seguida as pessoas se dispersaram, muitas foram para a cozinha. Sobre a mesa, diversos copos estavam espalhados e uma grande panela guardava o chocolate que era servido. Entrando em uma fila, recebíamos os pedaços de bolo das mãos de uma das filhas de Maria Alice. A *"Turma dos Descalços"* desenvolvia diferentes estratégias para pegar bolo mais de uma vez: entravam na fila novamente, iam com ou sem boné para disfarçar. Quando a filha da festeira percebia suas tentativas, os espantava com um pedaço de papelão que antes fora parte de um foguete. Os adolescentes se divertiam, correndo por toda a casa.
- 11 As pessoas voltaram para a rua onde sentaram novamente nas mesas e cadeiras disponíveis. Como a reza acabara, a venda de bebida alcoólica estava liberada e em pouco tempo começaria a seresta. A banda da seresta era composta por um tecladista e um cantor, mas, não raro, as bandas são acompanhadas de dançarinos e dançarinas. Recebi convite para ficar na seresta, mas já tinha combinado de encontrar alguns amigos no Tambor de Crioula de Seu Ribinha. Quando fui me despedir, usando desta informação, Dona Maria Alice me contou que ela mesma dança na casa de Seu Ribinha.

Conta ainda que dança com ele desde que era nova, ainda quando a família dos dois morava no interior do município. Tanto ela, com seu festejo para Todos os Santos, quanto seu Ribinha, cuja família festeja São Luiz Gonzaga desde 1930, trouxeram suas festas de povoados do interior para a cidade, quando, por diferentes motivos, tiveram que deixar o campo². Antigamente, naquela mesma noite, as mulheres da festa de Dona Maria Alice, ao início da seresta, passavam na casa de Seu Ribinha, para dançar algumas toadas de Tambor. Depois da despedida, um dos sobrinhos da festeira se dispôs a me ajudar a encontrar uma “moto” (ou um mototaxista) para meu deslocamento. Embora andasse a pé durante todo o tempo, não era considerado seguro que mulheres andassem sozinhas à noite pela cidade. Minha carona foi com um dos adolescentes da “Turma dos Descalços”, na moto que seu padrasto tinha “tirado” para ele, já que ainda não tinha idade para dirigir. A seresta terminaria só ao amanhecer, assim como o Tambor de Crioula na casa de Seu Ribinha.

- 12 Eventos e rituais têm uma característica importante no trabalho de campo em antropologia, eles condensam muitas informações sobre os grupos que os mantêm. Neste sentido, a relação entre sagrado e profano, as festas que são tanto públicas quanto domésticas, os santos tomando espaço nas casas, a presença intergeracional, elementos que me chamaram atenção no festejo para Todos os Santos, foram recorrentes durante toda a pesquisa de campo que realizei em Codó. No caminhar das pessoas e dos santos em procissão, na vinda dos parentes para o festejo, nos antepassados lembrados, os movimentos se dão tanto no espaço quanto no tempo (INGOLD, 2005). Entre uma mulher que ocupa, pela primeira vez, um importante posto político no país, e as mulheres ancestrais de Dona Maria Alice, há um compartilhar do espaço-tempo, nos diferentes festejos daquele primeiro de novembro.

BIBLIOGRAFIA

AHLERT, Martina. Casa sagrada, casa doméstica: uma etnografia da relação entre parentes, humanos e encantados em Codó – MA. Trabalho apresentado na 36ª Reunião da ANPOCS. Águas de Lindóia, 2012.

BARROS, Sullivan Charles. **Encantaria de Bárbara Soeira**: a construção do imaginário do medo em Codó/MA. 163f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília. Brasília, 2000.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERRETTI, Mundicarmo. Terecô: a linha de Codó. **VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina**. São Paulo, 22 a 25 de setembro, 1998.

..... **Maranhão encantado**: encantaria maranhense e outras histórias. São Luis: UEMA Editora, 2000.

..... **Encantaria de Barba Soeira**: Codó, Capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001.

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação. In: **Revista Religião e Sociedade**, volume 25, número 1, p. 76-110, julho 2005.

MACHADO, João Batista. **Codó, histórias do fundo do baú**. São Luís, FACT/UEMA, 1999.

MOURA, Flávia de Almeida. **Escravos da precisão**. Economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA). São Luís: EDUFMA, 2009.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

NOTAS

1. “No Maranhão o termo encantado é encontrado nos terreiros de Mina, tanto nos fundados por africanos, quanto nos mais novos e sincréticos, e nos salões de curadores e pajés. Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos e sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrassensorial, como alguns preferem denominar. Os encantados, apesar de totalmente invisíveis para a maioria das pessoas, tornam-se “visíveis” quando os médiuns em quem incorporam manifestam alterações de consciência e assumem outra identidade. Apresentam-se à comunidade religiosa como alguém que teve vida terrena há muitos anos e que desapareceu misteriosamente ou tornou-se invisível, encantou-se” (M. Ferretti, 2000, p. 15).

2. A partir da década de 1970, a vinda de pessoas do campo para a cidade aumentou consideravelmente no município, especialmente em virtude da expulsão dos trabalhadores de suas terras e do processo de grilagem de terras. Sobre estes movimentos, ver Moura, 2009.

AUTOR

MARTINA AHLERT

Doutoranda em Antropologia Social na Universidade de Brasília (PPGAS/UnB), professora substituta do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná (DEAN/UFPR).
Email: mah_poa@yahoo.com.br